

O CÍRCULO DE CULTURA COMO METODOLOGIA PARA O LETRAMENTO LITERÁRIO

Maria Efigênia Alves Moreira¹
Epitácio Macário²

RESUMO

Este trabalho tem o objetivo de discutir O Círculo de Cultura de Paulo Freire como metodologia para promoção do letramento literário, que por sua vez pressupõe a formação de leitores críticos, participativos e reflexivos. A pesquisa consiste em breve conceituação do letramento literário, seguida de uma discussão sobre o Círculo de Cultura (Freire, 2004) e como essa metodologia pode ser aplicada no âmbito da literatura, a partir da descrição e análise de experimentos realizados com adultos. Nessa perspectiva, o texto literário é o elemento principal e mobilizador de outras linguagens que dialoguem com o objeto estético em questão. É uma pesquisa qualitativa, com método de procedimento de caráter descritivo, explicativo e analítico, sendo que a técnica utilizada foi a pesquisa bibliográfica, através de teóricos que discutem letramento literário, mediação de leitura e a importância da leitura literária para a formação humana, como Dalvi (2013), Antunes (2013), Cosson (2017), Kleiman (1996), Saraiva (2001), Brandão e Rosa (2010), Paulino (2001). Também foi utilizado o método estudo de caso, com a realização de Círculos de Cultura. Acredita-se que esta pesquisa tem potencial de contribuir com outros pesquisadores e pessoas que trabalham com a mediação de leitura e formação de leitores, como professores, bibliotecários e outros profissionais.

Palavras-chave: Letramento literário, Círculo de Cultura, Ensino, Formação.

INTRODUÇÃO

O letramento literário surgiu como uma extensão do termo letramento, para designar práticas de experiência estética e cultural a partir do texto literário. A presente pesquisa apresenta, inicialmente, uma discussão sobre essa terminologia, distinguindo-a do ensino de literatura, o qual passou a se restringir aos estudos literários, com enfoque para a historicidade e análises conceituais.

Baseada em teóricos que abordam estudos referentes ao letramento, como Magda Soares (2004) e Ângela Kleiman (1996) e estudos sobre o letramento literário, como Rildo Cosson (2016) e Paulino (2009), essa pesquisa elenca conceitos e propõe algumas discussões ao entorno da questão.

Como uma proposta de promoção de letramento literário, é apresentado o Círculo de Cultura aplicado à literatura, uma metodologia de Paulo Freire (2001, 2003,

¹ Professora do Instituto Federal do Ceará - IFCE, efigenia.alves@ifce.edu.br

² Professor da Universidade Estadual do Ceará – UECE, epitacio.macario@uece.br

2004), que amplia a relação do leitor com o texto literário, uma vez que promove diálogos a partir do objeto literário, trazendo para a roda as diferentes compreensões de mundo, as sensações provocadas pelo texto, contribuindo assim para uma formação estética e cultural.

Com a aplicação do Círculo de Cultura, observou-se que é uma metodologia eficaz para o letramento literário, por mobilizar diferentes saberes e agregar outras linguagens ao texto literário, ampliando o repertório cultural dos participantes, além de se constituir como uma atividade prazerosa.

METODOLOGIA

A presente pesquisa é de abordagem qualitativa, visto que tem características exploratórias, buscando aspectos subjetivos, reflexões, entendimentos e interpretação de textos e contextos em que o objeto de estudo está circunscrito.

O método utilizado foi a pesquisa bibliográfica, em que foi coletado referencial teórico publicado sobre letramento literário e Círculo de Cultura. Foi utilizada também a pesquisa descritiva e o método de estudo de caso, pelos quais foi possível a aplicação dos Círculos com adultos e a descrição da experiência, possibilitando uma maior compreensão do letramento literário utilizando o Círculo de Cultura como metodologia.

Para o desenvolvimento da pesquisa, o primeiro passo foi realizar o levantamento bibliográfico. Em seguida foi feito um estudo sobre o surgimento dos Círculos de Cultura e sua configuração. Após isso, foi proposto uma transposição didático-metodológica, pegando elementos constituintes do Círculo de Cultura e aplicando ao trabalho com o texto, numa perspectiva de letramento literário. E por último a aplicação do Círculo de Cultura, com descrição do experimento.

O uno e o diverso: ensino de literatura e letramento literário

O letramento literário no Brasil é um fenômeno relativamente recente, se pensarmos que a expressão letramento, conforme concebemos hoje, surgiu na década de 1980 (SOARES, 2004), como a utilização da leitura e da escrita nas práticas sociais. A partir dessa terminologia, outros letramentos foram surgindo, como o letramento científico, letramento matemático, letramento digital, multiletramentos e o letramento literário.

Um cidadão com letramento literário, conforme Paulino (2001), é aquele que vive a leitura literária de forma plena, e não apenas funcional, assumindo-a como parte de sua vida, em processo de autoformação estética, a partir da imersão na leitura de textos literários e paratextos, o que perpassa a dimensão estrita da leitura e resulta em um amplo repertório cultural.

No entanto, o letramento literário envolve questões econômicas e culturais, o que demanda políticas públicas de incentivo à leitura, dentro e fora da escola. Para que um sujeito se torne letrado no âmbito da literatura, ele precisa do acesso ao texto literário. E muitas vezes só o acesso não é suficiente, ele precisa de um mediador de leitura para fazer a conexão do leitor com o objeto estético, ampliando os seus sentidos, com possibilidades de discussão do entorno da obra, dos efeitos dela na nossa subjetividade. Para Cosson (2016), esse grau de letramento vai depender do que a sociedade oferece ou demanda e também das necessidades pessoais do indivíduo, que podem ser formadas.

A terminologia “ensino de literatura”, que foi bastante usada, vem sendo substituída por “letramento literário”, “formação literária” ou “leitura literária”, mudança impulsionada por documentos oficiais que passaram a adotar essas expressões para se referirem à apreciação do texto em sala de aula, como as Diretrizes Curriculares Nacionais e Base Nacional Comum Curricular, especialmente quando se referem a educação básica, onde não se estuda movimentos literários, mas se faz a leitura do texto como expressão da arte.

Estudos recentes sobre literatura, como os de Cosson e Paulino (2009), passaram a distinguir ensino de literatura e letramento literário, apontando-os como abordagens diferentes. O ensino de literatura geralmente diz respeito a estudos sobre autores e obras, enfocando períodos históricos, caracterizações de escolas literárias e seus principais expoentes em determinados contextos geopolíticos e culturais.

Por seu turno, o letramento literário é entendido como a experiência estética, com foco na leitura e na recepção; é a relação leitor-obra, muitas vezes atravessada por um mediador, que no contexto da sala de aula é o professor. Depreende-se que a recepção não é um processo passivo, visto que o sujeito leitor ou ouvinte traz no bojo de sua formação concepções de mundo, experiências culturais, memórias sensoriais e afetivas. De modo que, se o leitor for experiente ou a mediação for efetiva, o processo resultará na mobilização de outros saberes, de sensações, de interconexões com outras leituras, vivências e pensamentos.

Ao introduzir a leitura literária no âmbito da escola, como processo de letramento, é necessário cuidar que a literatura não se transforme em um mero objeto de ensino da língua, mas que seja explorado a polissemia que o texto literário pode promover, que seja lido o texto e o paratexto, a obra e seu entorno, atento às impressões dos leitores ou ouvintes, ampliando o sentido do objeto estético a partir de uma experiência compartilhada.

O letramento literário exige um tratamento diferenciado do texto, não se tratando de uma leitura passiva, acompanhada de ficha de leitura ou resumo da obra, mas diz respeito a movimentação de outros saberes socioculturalmente construídos, que possam dialogar com o texto. A conexão do estudante com a obra e a função que essa passa a exercer, tem muito da compreensão do docente sobre a literatura. Muitas vezes “Os textos literários são apresentados em desarticulação com o mundo da vida, com a história e o contexto social-econômico-cultural”. (DALVI, 2013, p. 75).

Rildo Cosson (2016) propõe estratégias para o desenvolvimento do letramento literário na escola. Com a compreensão de que a leitura em sala de aula não deve se encerrar na decifração do código linguístico, a proposta é que seja discutida, questionada e refletida. Ele recomenda um trabalho com o texto, que nominou de sequência básica de letramento literário, composta por quatro etapas: motivação, introdução, leitura e interpretação. A motivação intenciona a preparação do estudante para adentrar o texto, etapa que precisa ser qualificada, de modo a instigar o leitor/ouvinte e aguçar o desejo pela continuidade do processo. “É o núcleo de preparação do aluno para entrar no texto (encontro leitor e obra sem silenciá-los). A construção de uma situação em que os alunos devem responder a uma questão ou posicionar-se diante de um tema é uma das maneiras usuais da construção da motivação.” (COSSON, 2016, p. 54).

A próxima etapa é a introdução, momento em que o docente ou outro mediador apresenta obra e autor. “No momento da Introdução, é suficiente que se forneçam informações básicas sobre o autor e, se possível, ligadas àquele texto. É preciso falar da obra e de sua importância, justificando assim a escolha” (COSSON, 2016, p. 59). A sequência básica de letramento é seguida pela leitura do texto literário, com fluidez e boa entonação. Logo após a leitura temos a última etapa da sequência básica, que é a interpretação, a qual

envolve práticas e postulados numerosos e impossíveis de serem conciliados, pois toda reflexão literária traz implícita ou explicitamente uma concepção do que seja interpretação ou de como se deve proceder para interpretar textos literários. Essas interpretações acontecem em dois momentos: momento interior; momento exterior. (COSSON, 2016, p. 63).

Vale ressaltar que, de acordo com o próprio pesquisador, o letramento literário não é algo enrijecido, muito pelo contrário, por se tratar de objeto estético e envolver o diálogo entre sujeitos, é uma experiência mutável e cada mediador vai, partindo da sua práxis, forjando outros caminhos, alterando o percurso, ressignificando o processo. Ainda sobre as possibilidades de letramento literário, Saraiva (2001) apresenta uma sequência que chamou de “roteiro” e dialoga com a sequência básica de letramento literário proposta por Cosson (2016). Sobre a expressão “roteiro”, que pode trazer um sentido de algo técnico, a autora afirma que:

A ideia de roteiro pode ser melhor apreendida quando relacionada à produção cinematográfica. O roteiro é o texto sobre o qual se realiza o filme; todavia, quando acabado, o discurso fílmico é muito mais rico do que o roteiro que orientou sua execução. É nesse sentido que se emprega a palavra roteiro: como fio condutor de uma ação produtiva, cujos resultados transcendem aquilo que lhe deu origem. (SARAIVA, 2001, p. 85).

Os roteiros se organizam em três etapas (SARAIVA, 2001): atividade introdutória à recepção do texto, leitura compreensiva e interpretativa do texto e transferência e ampliação da leitura. Na última etapa dessa sequência é proposta a ampliação da leitura, o que converge para a metodologia do Círculo de Cultura aplicado à literatura, do qual nos ocupamos a seguir. De acordo com Saraiva (2001), a primeira etapa objetiva estimular a criança e pode se valer dos conhecimentos prévios dela sobre a temática abordada. “As experiências pessoais, entre elas brincadeiras infantis, são utilizadas para ativar a curiosidade dos alfabetizandos em relação à leitura do texto e, simultaneamente, para valorizar seu conhecimento de mundo e ampliá-lo.” (SARAIVA, 2001, p. 86). Quando fazemos relação desse roteiro com a metodologia do Círculo de Cultura, reconhecemos confluência de propósitos, uma vez que ambos utilizam diferentes estratégias para esse momento introdutório, com o intuito de cativar a criança para a entrada propriamente dita no texto literário.

Intitulada “leitura compreensiva e interpretativa do texto”, a segunda etapa “caracteriza-se, fundamentalmente, pela apreensão do horizonte inscrito no texto, do qual o receptor faz parte.” (SARAIVA, 2001, p. 86). Depreende-se que seja o contato direto da criança com o texto e o movimento subjetivo de apreensão, de compreensão do escrito, ou seja, o seu envolvimento, a possível transformação da percepção do leitor, operada pelo texto. Em associação com a sequência proposta por Cosson (2016), corresponderia a “Leitura” e “Interpretação”. Já a terceira etapa é uma extensão da segunda, é oriunda

dela: “transferência e ampliação da leitura”, pois tem como objetivo a ampliação do que foi lido, a partir da linguagem plurissignificativa, das experiências leitoras, do conhecimento de mundo do sujeito leitor:

Isso ocorre porque as significações, evidenciadas no texto, são reelaboradas pelo leitor em termos de novas possibilidades expressivas. Quando recria a leitura, o leitor dá forma à finalidade prevista pelo ato de ler, que gera experiências, origina reflexões, exige posicionamentos, leva à renovação. (SARAIVA, 2001, p. 87).

Partindo do entendimento do letramento literário como a ampliação da leitura do texto, de modo a favorecer o encontro do leitor com a obra e seu entorno, buscando a fruição e a formação estética e cultural, apresentaremos o Círculo de Cultura aplicado à literatura como uma proposta de mediação de leitura. Essa metodologia potencializa a imersão na obra ao estabelecer relações dialógicas, agregando outras linguagens ao texto literário e pode se configurar eficaz para o que se argumentou sobre letramento literário.

Círculo de Cultura como metodologia para o letramento literário

O Círculo de Cultura surgiu na década de mil novecentos e sessenta, quando foi iniciado um projeto de alfabetização de adultos em Angicos, onde universitários da Universidade Federal de Pernambuco, formados por Paulo Freire, coordenaram inicialmente o processo. O Círculo de Cultura tinha o objetivo de substituir a sala de aula convencional, com nova proposta organizacional do espaço físico e da dinâmica de aprendizagem. O nome se configurou em virtude da posição circular em que os participantes se organizavam e por considerar as interações culturais, a partir da realidade em que estavam inseridos.

O Círculo propiciava, não apenas o desenvolvimento de funções físicas e cognitivas para apreensão das habilidades da leitura e da escrita, mas uma leitura crítica do mundo, bem como a ampliação da cultura dos sujeitos envolvidos. Partindo do pressuposto de uma formação participativa, Paulo Freire disse que, no Círculo, o homem “vai dominando a realidade. Vai humanizando-a. Vai acrescentando a ela algo que ele mesmo é fazedor. Vai temporalizando os espaços geográficos. Faz cultura.” (FREIRE, 2003, p. 51). Para o patrono da educação brasileira,

A intersubjetividade ou a intercomunicação é a característica primordial deste mundo cultural e histórico. Daí a função gnosiológica não pode ficar reduzida à simples relação do sujeito cognoscente com o objeto cognoscível. Sem a relação comunicativa entre sujeitos cognoscentes em torno do objeto cognoscível desapareceria o ato cognoscível. (FREIRE, 2001, p. 69).

Assim, o Círculo de Cultura era visto não apenas como um espaço de transferência de saberes, mas de construção e apropriação ativa, a partir da dialogicidade que era estabelecida. A figura do professor, visto sob a tradição de detentor e transmissor dos conhecimentos, é substituída pelo “coordenador ou animador de debates”. A aula expositiva – espécie de via de mão única – dá lugar ao diálogo. Por sua vez, o aluno, que trazia uma tradição de passividade, é visto como educando, como sujeito ativo na construção do seu conhecimento e no dos demais integrantes do círculo.

Partindo da perspectiva do Círculo de Cultura, considerando essa metodologia freiriana, faremos uma transposição metodológica para a formação de leitores, resguardadas as especificidades. Aplicado à literatura, o Círculo de Cultura tem o texto literário como elemento mobilizador de todo o diálogo, é a chave, o “tema gerador”, sendo possível agregar a ele outras linguagens, como a música, as manualidades como bordados, as artes plásticas, o cinema, o audiovisual, o teatro, mantendo a literatura como núcleo e as demais linguagens como possibilidades interdiscursivas, favorecendo uma formação cultural ampla.

O Círculo de Cultura, é, portanto, “um lugar onde todos têm a palavra, onde todos leem e escrevem o mundo. É um espaço de trabalho, pesquisa, exposição de práticas, dinâmicas e vivências, que possibilitam a construção coletiva do conhecimento.” (FREIRE, 2004, p. 148). Seja antes ou depois da partilha do texto literário, é importante que haja interações dialógicas, ampliando as possibilidades do que será/foi lido, favorecendo a fruição e provendo diálogos com outras linguagens. Nessa perspectiva, o Círculo de Cultura nega uma educação dedicada ao mero acúmulo de conhecimento na consciência dos educandos, concepção e prática que muito interessa aos opressores. Nas palavras de Paulo Freire:

Mas, se para a concepção “bancária”, a consciência é, em sua relação com o mundo, esta “peça” passivamente escancarada a ele, a espera de que entre nela, coerentemente concluirá que ao educador não cabe nenhum outro papel que não o de disciplinar a entrada do mundo nos educandos. Seu trabalho será, também, o de imitar o mundo. O de ordenar o que já se faz espontaneamente. O de “encher” os educandos de conteúdos. É o de fazer depósitos de “comunicados” – falso saber – que ele considera como verdadeiro saber. (FREIRE, s/p, 1987).

Ao invés disso, na perspectiva dos Círculos de Cultura, a educação afirma-se como atividade mediadora que opera na relação dos indivíduos entre si, dos indivíduos com os saberes acumulados historicamente, dos indivíduos com o gênero humano. Inspirado nessa acepção, E. Macário (2009, p. 433) defende a natureza ativa e produtiva da mediação educadora nos seguintes termos:

O caráter ativo da mediação, tal como demonstrado no trabalho, comparece em toda a práxis social. Assim, a educação é uma mediação na medida em que é constituída do conjunto de atividades finalistas que põem em vida um movimento por meio do qual as forças genéricas se realizam na subjetividade, engendrando nela as faculdades desenvolvidas historicamente. Com isto, a mediação educativa potencializa as forças do indivíduo que, uma vez objetivadas e engastadas no *continuum* social, implicam transformações no plano objetivo e no desenvolvimento da capacidade vital da sociedade como um todo. A mediação operada pela educação resulta em transformações no plano subjetivo e objetivo, na esfera da individualidade e na da generalidade, no sujeito particular e na própria sociedade onde ele vive e se reproduz.

Nessa concepção, o professor supera a condição de sujeito cujo mister é “encher os estudantes de conteúdos” e assume a condição de mediador, ou simplesmente educador no sentido feireano: aquele que cria condições para a apropriação do mundo de maneira ativa, crítica e produtiva por parte dos educandos no curso de atividades que, para alcançar essa apropriação almejada, tem de ser mediada pelo diálogo, pressupondo, pois, a ação conjunta de sujeitos diferentes em sua função social, mas unos em todo o processo – o educador e o educando.

No caso em estudo aqui – isto é, a dinamização de Círculos de Cultura na formação de leitores – a função do educador-mediador exige-lhe a mobilização de energia criativa e, por isto, libertadora, promovendo espaços físicos, subjetivos e intersubjetivos que instiguem os potenciais de cada um e do grupo, na apropriação do texto literário com amplitude e densidade humana. E isto significa a dinamização de habilidades físicas, linguísticas, cognitivas, afetivas e de atribuição de sentidos na fruição e produção de textos literários mediados pelo próprio texto em articulação com linguagens artísticas variadas.

No Círculo ocorrem relações dialógicas em todo o percurso. É importante conversar sobre a obra lida coletivamente, abrir espaço para as manifestações de impressões, emoções, compreensões, apreensões, dúvidas, visto que essas práticas possibilitam a formação estética, linguística e emocional dos envolvidos. As atividades de letramento literário também ocorrem em círculo e em diferentes lugares em que os educandos se sintam acolhidos. O espaço deve ser de compartilhamento de saberes, com liberdade de expressão, partindo do texto literário, o qual pode – e deve! – promover relações intertextuais. Assim, o mediador vai dialogando com os estudantes a respeito da obra, contribuindo na construção de sentidos. Fortalecendo esse entendimento, Angêla Kleiman afirmou que:

É durante a interação que o leitor mais inexperiente compreende o texto: não é durante a leitura silenciosa, nem durante a leitura em voz alta, mas durante a conversa sobre aspectos relevantes do texto. Muitos aspectos que

o aluno sequer percebeu ficam salientes nessa conversa, muitos pontos que ficaram obscuros são iluminados na construção conjunta da compreensão (KLEIMAN, 1996, p. 24).

Quando a leitura é realizada de forma coletiva, essas relações são ampliadas, a partir das conexões dialógicas que vão sendo estabelecidas. E o sentido do texto vai sendo construído, considerando as experiências de cada sujeito envolvido.

A tematização seria configurada a partir do enredo da história, fio condutor para agregar outras linguagens artísticas. Na mesma perspectiva do Círculo de Cultura proposto por Paulo Freire, neste também temos a amorosidade como dimensão importante, a própria relação que se estabelece entre leitor e mediador de leitura guiados pelo livro já é propício a relações afetivas.

O papel do professor na sala de aula torna-se altamente relevante, pois a ele caberá não apenas transmitir algo já elaborado, mas construir um conhecimento com os alunos. Com isso o professor poderá sentir-se efetivamente inserido no processo da comunicação literária, uma vez que ele passará a funcionar como mediador de leitura. Essa condição o levará a interagir com os alunos, de forma que o conjunto de informações referenciais e a análise prévia do texto servirão de base para o diálogo na sala de aula. (ANTUNES, 2016 p. 25-26).

Nos Círculos de Cultura voltados para a promoção do letramento literário, a aula expositiva dá lugar ao diálogo, à reflexão coletiva, à exposição de percepções e julgamentos de todos que integram a atividade. Por sua vez, o estudante, que traz uma tradição de passividade, passa e integrar um organismo vivo em dinâmicas e produções de conteúdos e sentidos do qual ele é uma parte ativa e criativa. O educando é, pois, instigado à atividade que se desenrola ao vivo e naquele instante vital, como quando se participa de uma ciranda cujo compasso, ritmo, melodia e letra da música nem sempre são de domínio de todos, mas, pela sinergia dos corpos e gestos, todos participam ao seu modo, com seu ritmo. É assim que pensamos em ir superando a cultura escolar e das mídias sociais que transformam em estudantes em expectadores. Tanto quanto na educação de crianças pequenas, os Círculos de Cultura voltados para o letramento literário não descuidam da necessidade da conversa fraterna, cordial e afetiva. Brandão e Rosa referem-se a esta necessidade quando do estudo de textos literários com crianças, afirmando:

um primeiro ponto que justifica a importância da conversa é a possibilidade que ela dá de engajar o leitor ou ouvinte na busca e produção de significados sobre o que lê ou escuta. Em outras palavras, é preciso que a criança compreenda a leitura como uma atividade de construção de sentidos em que é preciso interagir ativamente com o texto. (BRANDÃO e ROSA, 2010, p. 70).

Assim, texto, imagens, memórias e falas vão compondo o mosaico cultural no qual estamos inseridos, circunscrevendo novas formas de perceber, ver e atuar no mundo, a partir da nossa constituição humana, forjada nas práticas socioculturais das quais somos, dialeticamente, sujeitos e resultados. “O letramento, portanto, é uma aprendizagem sociocultural das maneiras de significar a si e ao mundo que não se reduz a uma questão meramente escolar”, (COSSON, 2016, p. 86), embora seja a escola um *locus* eficaz para essa prática.

Círculo de Cultura aplicado à literatura: breve descrição de uma experiência

A experiência com o Círculo de Cultura como proposta para o letramento literário ocorreu com uma turma composta por homens e mulheres, profissionais da educação, da psicologia e da assistência social no município de Jaguaribe-CE, mediado por Efigênia Alves. O livro utilizado foi “O coração de Corali”, de Eliane Ganem e Elvira Vigna, publicado em 1985.

Inicialmente a mediadora entregou uma folha de papel ofício aos participantes e pediu que cada um desenhasse um coração. Depois que todos terminaram, ela solicitou que todos levantassem os desenhos e mostrassem uns aos outros. Em seguida, apresentou um conceito científico de “coração” e perguntou se o conceito dialogava com os desenhos, pelo que afirmaram rindo que não. De todos, apenas uma participante desenhou o coração biológico. Ao serem questionados sobre o motivo de terem desenhado um coração diferente do conceito, alguns relataram que pensavam que o coração pedido era o que encontramos no cotidiano. A mediadora falou da importância do simbólico na nossa constituição sociocultural e sobre os sentimentos humanos estarem associados ao coração, como de fato aparece constantemente na literatura, seja na prosa ou na poesia.

Após esse diálogo, com ampla participação do grupo, a mediadora pediu que, aproveitando o desenho, eles escrevessem três coisas que cabem dentro do coração e três que não cabem. Na apresentação, foi percebido a diversidade de percepções, havendo dentro e fora do coração elementos físicos e simbólicos, como foto de avó, banho de chuva, medo, inveja, filhos, Deus, amor, chave de casa... O próximo passo do Círculo foi a leitura feita pela mediadora do livro “O coração de Corali”. Com o objetivo de provocar reflexões, a mediadora lançou algumas perguntas, já informando que não aguardava nenhuma resposta: “O meu coração tem algum buraco?” “Qual a

origem do buraco do meu coração?” “O que faço para ir tampando?” Em seguida, falou do vazio existencial e traçou um diálogo sobre o que as personagens fizeram para tapar o buraco do coração e qual a viabilidade prática das propostas. A conversa rendeu outras propostas, que também foram discutidas, de modo que contribuiu para que se pensassem possibilidades de saídas para os momentos em que a vida parece perder o sentido.

Após esse diálogo, a mediadora entregou uma folha com a música “Quem souber”, de Flávia Wenceslau, e propôs a leitura compartilhada. Em seguida colocou o áudio da música e pediu para todos cantarem juntos. Foi um momento de muita afetividade. O Círculo de Cultura foi encerrado com o poema “Biografia do orvalho”, de Manoel de Barros, que fala da nossa incompletude, com apontamentos de que o cotidiano não nos basta, precisamos do simbólico, da arte, da literatura. Em avaliação sobre o momento vivido, todos os participantes falaram da importância e da beleza daquele momento, bem como da necessidade de atividades dessa natureza com grupos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da necessidade de um trabalho efetivo de formação leitora, pesquisadores e professores buscam estratégias de como tornar o trabalho com o texto motivador e que, de fato, forme para a diversidade, para a criticidade e para a sensibilidade. Nessa direção, a presente pesquisa propõe uma breve discussão sobre letramento literário e apresenta uma proposta metodológica para mediação de leitura a partir da metodologia freireana do Círculo de Cultura, cuja finalidade é a formação estética e cultural de leitores que os conduza a um posicionamento crítico como sujeito que é criador e criatura do mundo humano – o mundo da cultura.

Para tanto, os Círculos de Cultura devotados ao letramento literário devem ser dinamizados pela integração de diversas linguagens artísticas – música, pintura, desenho, bordados, artesanatos diversos, teatro – articuladas ao texto literário. Trata-se de um desafio a mais para educadores, compreende-se, mas que tem se mostrado em experimento dos autores desta comunicação com imenso potencial na formação linguística, estética e cultural dos que integram os seus projetos. Uma formação que mira a omnilateralidade do ser humano e tendo por eixo articulador a literatura e seu potencial humanizador como defendido por Antonio Cândido.

Por tais resultados, vê-se com bastante otimismo as potencialidades desabrochadas pelos Círculos de Cultura voltados para o desenvolvimento da leitura literária como formação humana. Acreditamos, pois, que essa pesquisa poderá ajudar a muitos profissionais que procuram por metodologias dialógicas com potencialidade para ir além do contato leitor-texto, que ampliem essa relação, fomentando de fato o letramento literário, ou seja, a experiência estética e cultural do leitor literário.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Benedito. Aporias do ensino de literatura. *In*: SIQUEIRA, Ana Márcia Alves. **Literatura e ensino: reflexões, diálogos e interdisciplinaridade.** (Org.) /Ana Márcia Alves Siqueira. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2016, p. 13 -27.

BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi e ROSA, Ester Calland de Sousa. A leitura de textos literários na sala de aula: é conversando que a gente se entende. *In*: PAIVA, Aparecida; MACIEL, Francisca; COSSON, Rildo. **Literatura: Ensino Fundamental.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática.** São Paulo: Contexto, 2016.

COSSON, R. e PAULINO, G. **Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola.** *In*: RÖSING, T. M.K; ZILBERNAM, R. (Orgs.). Escola e leitura: velha crise, novas alternativas. São Paulo: Global, 2009, p. 61-79.

DALVI, Maria Amélia. Literatura na escola: Propostas didático-metodológicas. *In*: DALVI, Maria Amélia. **Leitura de literatura na escola.** São Paulo: Parábola, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

FREIRE, Paulo. **A educação na cidade.** São Paulo: Cortez, 2001.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

KLEIMAN, Ângela. **Oficina de leitura: teoria e prática.** Campinas: Pontes, 1996.

PAULINO, Graça. Letramento literário: por vielas e alamedas. Revista da FAGED, n. 5, p. 117-125, 2001. DOI: <http://dx.doi.org/10.9771/2317-1219rf.v6i5.2842> Disponível em: <Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/entreideias/article/view/2842> >. Acesso em: 2 abr. 2021.

MACÁRIO, E. Trabalho, práxis social e educação: notas para uma teoria da atividade educativa. *In*: **Revista Perspectiva.** v. 27, n. 2, p. 409-440. Florianópolis/SC: jul./dez. 2009.

SARAIVA, Juracy Assmann. **Literatura e Alfabetização: do plano do choro ao plano da ação.** Porto Alegre: Artmed, 2001.